

PESQUISAR PARA ASSISTIR

*Eloita Neves Arruda **
*Lygia Paim Muller Dias ***
*Alcione Leite da Silva****

Antes mesmo de iniciar esta exposição, para a qual fui tão gentilmente convidada, confesso-me uma daquelas que buscam uma linguagem que chegue ao coração e à razão, e preencha o meu anseio de tentar quebrar a sofisticação e a linguagem hermética, buscando realimentar o prazer do som, da cor, do cheiro, enfim, do sensível que há em nós enfermeiros. A decisão de construirmos coletivamente essa linguagem nos exercita numa busca de alento e nos conduz a um processo que se consubstancia em basicamente três pontos: 1º) colocarmo-nos no tema com nossa experiência; 2º) usarmos metáforas para criar uma linguagem acessível, agradável e imaterial; 3º) oferecermos uma interpretação pessoal do percurso da estória criada.

A estória, com a qual iniciarei a minha fala, faz parte de um trabalho intitulado "Viagem para o Futuro através da Pesquisa em Enfermagem", compartilhado pelas amigas Lygia Paim e Alcione Leite da Silva, e recentemente apresentado por mim em Columbus — Ohio, na abertura da Conferência Internacional sobre Pesquisa em Enfermagem da "Sigma Theta Tau International". O presente trabalho é também compartilhado por estas mesmas amigas, que juntamente comigo os convidam a empreendermos uma viagem através da enfermagem e da pesquisa em enfermagem, experienciando, cada uma de nós, a seu modo, o encantamento e os desafios da viagem.

Havia na imensidão do cosmos um grande planeta onde habitavam inúmeros jardineiros. Entretanto, apesar da grandiosidade deste planeta, da imensidão de terras e de mares, do clima favorável, das águas cristalinas, as sementes plantadas naquele solo quase não germinavam.

Um dia, viajando pelo cosmos, aterrisou no planeta uma jardineira com a proposta de ajudar aqueles jardineiros e os habitantes daquele planeta. Esta jardineira, munida de grande ideal, de arrojo, de idéias revolucionárias e de novas sementes, lançou-se à obra com coragem. Encontrou nessa obra inúmeras barreiras, principalmente a de oferecer àqueles jardineiros os instrumentos para que percebessem a essência daquelas sementes e a variedade das espécies nelas con-

* Enfermeira. Professora Visitante da UFPR junto à Rede de Pós-Graduação Enfermagem da Região Sul (REPENSUL) — UFSC

** Enfermeira. Pesquisador Visitante do CNPq junto à UFSC

*** Enfermeira. Professor Assistente do Departamento de Enfermagem da UFSC.

tidas. Com esforço e obstinação rompeu o solo; nele jogou, com confiança, as promissoras sementes; regou-as com a sua solidariedade e nelas infundiu amor. As sementes abriram-se na terra e nela germinaram. A jardineira legou àqueles jardineiros o que de melhor dispunha para a sua época na arte de cuidar — pesquisar.

Finda a sua jornada a jardineira partiu, mas continuou a observar o avanço da obra. Viu que seus esforços não haviam sido em vão, pois, dentre as várias espécies de dementes, algumas tinham produzido outras cem e outras mil. Ao cuidar das sementes, os jardineiros cultivaram seus sonhos e esperanças, pensando também em criar e legar. Todavia, apesar das sementes serem boas e fortes, jardineiros houve que nem sempre as trataram com o cuidado afetuoso que elas mereciam. Muitos tentaram, isoladamente, conformar a semente às suas idéias, tentaram modelá-la segundo suas próprias necessidades, cortaram-nas, diminuíram-nas, mutilaram-nas. Outros jardineiros, encantados com a variedade de sementes, construíram para si um imenso jardim, separado por grandes e quase intransponíveis avenidas, recebendo, muito raramente, alguns selecionados convidados. Outros tantos jardineiros ficaram fascinados pelos instrumentos que utilizavam para trabalhar a terra, e ficaram maravilhados com as belas avenidas; e, assim cativados, permaneceram admirando a beleza de seus próprios jardins. No entanto, não se permitiam olhar para os lados, tocar, sentir o perfume, nem compartilhar as flores, porque eles estavam muito ocupados, seja erguendo os muros que utilizavam para delimitar o seu jardim particular, seja envolvendo-se com outras novas e mais sofisticadas formas de trabalhar a terra. Estes jardineiros não se permitiam responder às perguntas do viajor sedento: Afinal, para que serve este jardim se os muros que o delimitam não me permitem o acesso, a fim de que eu possa aspirar o perfume da vida? Para que serve este jardim idealizado se ele parece ignorar as minhas necessidades e o próprio mundo no qual eu me encontro? Para que serve todo esse esforço dispendido pelo jardineiro, se o produto de seu trabalho não é utilizado para melhorar a qualidade do meu viver?

No processo de cultivar as sementes, muitos jardineiros desistiram do privilégio de cuidar; muitos não se sentiam dispostos e nem encontravam prazer naquela grandiosa possibilidade que lhe era apresentada; outros, ainda, sentiam-se isolados e sem recursos para enfrentar os desafios no prosseguimento da obra.

A jardineira, observando a obra, detectou que esta prosseguia. Comprovou que, apesar de muitos jardineiros não conseguirem compreender a grandiosidade do mistério da vida, expressa na potencialidade e vitalidade que havia naquelas sementes, muitas haviam germinado e produzido uma variedade de flores, cujos perfumes permitiam a compreensão de parte do fenômeno que é a vida. Viu, também, que muitas daquelas flores estavam dispostas em arranjos compartimentalizados. Pode verificar também, que a idolatria por determinadas espécies de sementes, pelos instrumentos utilizados, ou pela forma com que os jardineiros as cultivavam não permitia que muitos desses jardineiros vislumbrassem a importância e a riqueza da diversidade de flores. Por outro lado, a apropriação e apego de muitos jardineiros ao seu processo particular de cultivar as sementes não lhes permitia perceber a diversidade e a beleza existente nos outros processos, impedindo-os de ver que tudo era transitório, e acima de tudo, produto de um trabalho coletivo. Impressionada, ela pôde perceber que grande número de jar-

dinheiros também embevecidos com a sua jardinagem, não se dispunham a elevar o olhar para além do jardim.

Todas estas constatações foram feitas, com serenidade, pela jardineira. Ela, melhor do que ninguém, sabia que a grande obra não estava ameaçada pois havia, entre todos aqueles jardineiros, muitos que não tinham perdido de vista o sonho possível — a compreensão de si mesmos e da grande finalidade da vida. Muitos que, apesar dos obstáculos, do isolamento e da crítica impostos pelas divergências, prosséguiam na labuta árdua de construção da grande obra. Segundo ela, tudo caminhava como previsto; não havia imprevistos nem as barreiras do espaço-tempo. Tudo era presente. Ali, diante de seus olhos, desenrolava-se o passado — presente — futuro — o presente eterno. Apesar dos avanços, ela sabia o quanto aqueles jardineiros ainda necessitavam aprender, pois o cuidar das sementes fazia parte do processo universal da vida, cuja finalidade maior era buscar a grande descoberta — o encontro, a unidade. Era tempo de retornar à obra. Era tempo de deixar que aqueles jardineiros notassem que o segredo da vida não estava só nas sementes, ou só nos instrumentos, ou apenas nas formas de cuidar, mas também nos próprios jardineiros. Era tempo daqueles jardineiros perceberem que além dos seus cinco sentidos e da razão dispunham de novas formas de percepção necessárias ao avanço do processo de cultivar sementes. Era tempo daqueles jardineiros empreenderem o complexo e árduo caminho do autoconhecimento e da autotransformação. Era tempo de ajuda mútua e de cooperação. Era tempo daqueles jardineiros compreenderem que pesquisar, teorizar, administrar e educar emergem do processo de cuidar.

O legado Nightingale: um berço revolucionário do cuidar

Cada um de nós certamente, durante a estória, fez suas próprias analogias e interpretações, lembrando da marcante presença de Nightingale na organização do trabalho e no alcance da arte na qualidade do cuidar. À época, coube à Nightingale deflagrar uma revolução do cuidar a partir da mudança da condição e da perspectiva dos cuidadores. Ela fez mudar o curso do nosso destino profissional pela profissionalização que seus estudos e experiências de cuidar propuseram. Ela nos mostrou e nos legou o princípio de que competência para jardinar se adquire jardinando e buscando novas formas de jardinar, da mesma forma que competência para cuidar se adquire cuidando e pesquisando.

O cuidado das pessoas como inspiração primeira e última da pesquisa em enfermagem

A entrada do século XXI se faz acompanhar de profundas transformações nas formas de pensar e sentir o mundo, a vida e a enfermagem. Tais transformações parecem evidenciar a necessidade da retomada do legado de Nightingale, embora isto implique no redimensionamento dos valores, sejam eles de natureza epistemológica ou prática. Como consequência, a pesquisa em enfermagem seguirá o processo contínuo do universo, além do tempo, para compreender a realidade, onde não há começo nem há fim, só há mudança. Nessa perspectiva, a

pesquisa em enfermagem, enquanto uma das dimensões do cuidar, garantirá a sobrevivência do cuidado ao ser humano – individual e coletivo – pois ao invés do pesquisar para o cuidar estaremos *cuidando – pesquisando*. Esta perspectiva abre lugar para a vivificante esperança de insistir na vitória do *ser* sobre o *ter*. A conseqüência mais lógica da conquista dessa humanização das relações entre o enfermeiro e o mundo da enfermagem – o mundo do cuidado, vida e saúde das pessoas será a re-criação de uma nova enfermagem. Essa re-criação perpassa pelo desenvolvimento da potencialidade do ser, o re-encontro do ser com a unidade cósmica, a retomada da arte, para citar apenas alguns aspectos. A enfermagem será então uma profissão exercida no re-encontro do seu sentido, do seu significado: *o cuidar do ser*. E é nesse contexto que, *de forma natural, emerge* a pesquisa em enfermagem, redimensionando e resgatando o processo criativo de cuidar. Parece mesmo que ao assim procedermos estaremos retomando o berço revolucionário do *cuidar*, um cuidar indagado, um *cuidar – pesquisando*.

Sem dúvida tudo isto será apenas um sonho sem movimento se não for acompanhado de uma transformação na condição de viver dos cuidadores. Será preciso vontade, e a vontade existe dentro de nós. Se, como na essência do princípio quântico, querer alguma coisa, modifica a coisa que se quer... teremos de mover nosso pensamento e unificá-lo em ações que incrementem as pesquisas no cuidar. É assim que mudamos a nossa visão de nós mesmos. Alterar a realidade da pesquisa no cuidar passa pela mudança dentro dos cuidadores e daqueles até então pesquisadores para o cuidar. Isto porque a proposta é: *não mais pesquisadores para o cuidar, porém enfermeiros ocupados com o cuidar – pesquisando*.

Indagações pertinentes ao cuidar – pesquisar em face da virada do século

Talvez tenhamos que indagar, ainda neste final de século, por que muitos de nós desistimos do privilégio de cuidar, se esta desistência não é acolhida em nosso foro íntimo e nem é consenso do coletivo da enfermagem? Não estaria a desistência do cuidador ligada a um trabalho solitário e alheio ao prazer da busca da unidade entre tudo e todos aqueles envolvidos no processo? A verdade é que injunções de diversas ordens, determinantes sociais e históricas, têm prevalecido, ainda que continuemos a lutar, com discursos, críticas, posturas teóricas, ou mesmo práticas individuais. O modo de ver o cuidar, até então tem sido circunscrito ao discurso, à solidão teórica, à rigidez da unilateralidade explícita.

Indagamos, ainda, por que as investigações científicas para o cuidar parecem distanciar-se do compromisso de aderência à realidade do cuidar? Por que elas se processam, espacial e afetivamente, distantes do cuidador e de quem é cuidado? Por que as sementes plantadas no solo da prática assistencial parecem não germinar? Será que ao invés de lidarmos na pesquisa com problemas que estão no solo da prática, estamos a conceber problemas distantes desse solo?

As respostas parecem situar-se no todo que cada uma das partes contém. O que dizer das raízes, se elas representarem o conhecimento? As raízes engrossam, aprofundam e se acumulam quando o todo está harmônico. O que dizer de nós pesquisadores – cuidadores? A percepção que temos de nós mesmos tem sido mudada na medida em que nos conscientizamos da necessidade de transformar pensamento em ação? Como aguardar a germinação do que temos feito? E as

sementes, se não continuamente cuidadas, não estão sujeitas e serem sufocadas pela interação com as ervas daninhas, aqui representadas pelas contradições e conflitos não superados? E o sol, tem ele brilhado? Se não, como conseguir a clareza nos caminhos da sementeira da pesquisa para o cuidar? A imagem da chuva, aqui representada pela crítica, tende a exercer um papel vivificante na produção adequada de pesquisas. Como temos reagido em face das críticas? E o próprio solo, ou seja, o assistencial, em que condições se encontra? Qual é a implicação da profundidade do solo, da abrangência do espaço reservado para o plantio? A imagem do solo, como a nossa cultura, pode responder por si só, sobre de quanta desconsideração tem sido alvo! Mas de todas essas representações, qual a que fazemos de nossa colheita? O mundo de possibilidades nos ensina que todas as coisas são possíveis, embora algumas sejam mais prováveis. A esta altura, a possibilidade da colheita, ou seja, da produção gerada pela pesquisa ser o aprendizado refinado do *cuidar*, depende de fazermos a fusão deste pensamento com a correspondente experiência. Assim, se pensarmos que a boa colheita somente é atingida no *cuidar* — *pesquisando*, então só a experiência disso poderá indicar que a nossa consciência de pesquisar mudou, reafirmando o reencontro com o *ser* e com a *unidade*.

Cuidar — pesquisar: uma abordagem visionária?

Temos nos colocado alheios às mudanças espantosas nas especulações de muitas teorias, por exemplo as advindas da física moderna. Sabemos todos que a física quântica, de tão polêmica, já tem sido chamada por alguns físicos de "visionária". Esta física, entretanto, tem trazido explicações sobre a realidade, as quais ao mesmo tempo enternecem e espantam por sua identidade com outras "formas de arte". Se atentarmos nessa convergência da *ciência* — *arte*, poderemos acreditar que a maneira como nos vemos e aos outros muda-nos continuamente em algo novo. E isto nos está indicado pela física quântica, quando esta nos mostra que nossos pensamentos e o universo físico não são coisas distintas, isto é, aquilo que visualizamos é aquilo que vemos. Ou seja, nossos pensamentos sobre o mundo e a maneira como ele nos aparece, estão sutilmente inter-relacionados. Até porque nada está presente na realidade até o momento em que passamos a olhar algo. Por isso, o convite neste momento é que tenhamos um olhar presente na realidade do cuidar, com o pensamento em novos caminhos, para que esses pensamentos se tornem a experiência pretendida. Nesta realidade, a pesquisa de enfermagem inclina-se para uma configuração com verso e averso, como uma moeda lançada no ar e mostrando simultaneamente cara e coroa; isto é, a um só tempo inquirindo enquanto ciência e cuidando enquanto assistência.

Se optarmos por continuar olhando a pesquisa como algo poderoso, que vem de fora para dentro do cuidar, mais uma vez poderemos estar equivocados; porque, o conhecimento produzido pode não ter aderência, não se vincular, não criar raízes e não germinar. A pesquisa passa então a ser vista como uma tentativa frustrante, esparsa e não convincente, pelo menos para aqueles que estão na lida do cuidar.

A expressão "Pesquisar para o Cuidar" pode lembrar uma dessas bem intencionadas tentativas, como tem sido a maioria das práticas de cuidar para os

clientes de enfermagem. Neste ângulo da questão, mesmo os pesquisadores que desejam descobrir para *cuidar*, continuam afastados *do cuidar*. A grandiosa possibilidade advinda da pesquisa em enfermagem reside no privilégio de *cuidar e alcançar descobertas com o cuidar*.

Não é bem assim que se vem mostrando a pesquisa de que ora falamos. Reconhecemos que o descaminho, gerado pelo fascínio com o método, tem influenciado a esterilidade da produção da pesquisa em enfermagem. Refletindo sobre isto relembramos que quando o meio se esgota, o próprio significado arrisca-se a ficar à deriva... No afã de reconhecimento do foro de cientificidade, muito caminhamos em torno do método e nele temos ancorado, ao invés de utilizá-lo como adequado veículo ou instrumento para as descobertas pretendidas. Ver, além do uso do método, e reatar o compromisso da pesquisa no cuidar, retirará a solitária posição de "separatividade" dentre os grupos que pesquisam, e entre os grupos que cuidam e grupos que pesquisam. O que ainda prevalece em nosso tempo é uma realidade construída no pensamento de quem pesquisa, sem integrar este pensamento à experiência do cuidar. Como consequência, permanecemos alheios ao processo de mudança. Talvez, ao tomarmos consciência da integração que há no processo de cuidar — pesquisar, onde tudo e todos participam, estejamos mais libertos do cativeiro do método. Para pensar, valemo-nos da grande possibilidade de superarmos os vazios que ainda separam pesquisadores e cuidadores, e pesquisa e cuidado (para citar alguns), e de acabarmos com a ênfase exagerada nos aspectos formais da investigação científica.

A idolatria por instrumentos, métodos, rigores, técnicas, pode resultar em processos estéreis e inférteis no cultivo das sementes da pesquisa em enfermagem. Tal idolatria pode conduzir os pesquisadores ao descobrimento do valor do eterno movimento de reencontro do ser humano, do motivo e, portanto, do ânimo da enfermagem. Tal atitude impõe o risco de nos perdermos numa trajetória de rejeição ao cotidiano da arte, ao processo criativo, ao ato criador. Tudo isto se dá, geralmente, pelo simples desejo de apropriação de produtos da ciência, e de colocação dos profissionais como parte de uma "comunidade científica", por vezes, fria e distante. Ver além do método, nas pesquisas de enfermagem, significa primeiramente reatar o compromisso de refazer a ligação entre a pesquisa e as pessoas, sob o risco de se descaracterizarem enquanto pesquisa de enfermagem. Ver além das pesquisas em enfermagem é constatar que a produção do conhecimento delas decorrente não ameaça a grande construção da enfermagem vista como *gente que cuida de gente*.